

OS MESTRES DA COLONIZAÇÃO.

Quem medita nos feitos lusos no mundo e os compara com os de outras nações, verifica que o português mais conseguiu criar mundos com o coração que com a espada. Este fato mostra de maneira meridiana a importância dos sentimentos não apenas na ciência das relações humanas, mas também na ciência das relações políticas. Ninguém conquistará impérios, ninguém conquistará corações, sem antes se deixar conquistar. Esta é a lei das relações humanas; esta é também a lei das relações políticas. Iremos ver agora como, graças à compreensão natural disto, o português não só criou impérios que subsistem até hoje dentro de certa fidelidade às tradições e à cultura lusitanas, como também foi o mestre incontestável de outras nações e de outros povos.

Na Ásia compreendeu que devia fazer de Goa um centro de disseminação do cristianismo e as obras de São Francisco Xavier, as obras do Padroado constituem momentos de imperecível glória a ajuntar-se aos feitos de Vasco da Gama, de Cabral e do grande Albuquerque. Foi em Goa que se ergueram as primeiras hostes anti-islâmicas com o duplo fito: religioso e político. E a evangelização da Ásia teria sido feita com humanidade e inteligência se as intrigas dos missionários franceses da Propaganda, como tão bem o mostra Antônio da Silva Rêgo, no **O Padroado Português no Oriente**, não viessem trazer o pomo da discórdia que tão desastrosamente influiria em Roma, a ponto de prejudicar a ação do embaixador luso, comandante Sampayo, em 1748, pleiteando a criação de bispados no Sião, Tonkim e Conchinchina que consolidariam definitivamente o poder espiritual e temporal lusitano na Ásia.

Mas o que se infere de toda aquela intrigalhada dos religiosos franceses é que os primeiros discípulos dos portugueses na política colonial foram os franceses ao estabelecer um sistema missionário — **A Propaganda** — servilmente copiado do Padroado.

Não apenas os franceses foram os discípulos, mas os ingleses também, pois da Escola de Sagres, dos fundamentos do domínio marítimo eles se inspiraram para a realização do sonho da rainha Elizabeth e de Cromwell.

Os holandeses foram no entanto discípulos não apenas nas linhas gerais como também nos detalhes. Nas linhas gerais copiando os princípios da política colonial portuguesa, inclusive a sábia política de miscigenação, pois eles se cruzavam o quanto possível com os nativos a fim de esparramar nas gerações futuras o seu próprio sangue e o livro de George W. Keeton, **China, the East and the future** testemunha isto bem como muitos outros autores.

Nos detalhes, pois quando se estabeleceram nas Antilhas tentaram a plantação e exploração do açúcar com grande fracasso e, em vista disso, se lembraram de copiar das fazendas açucareiras de Pernambuco, os princípios da técnica agrícola e industrial e o resultado foi coroado de muito êxito. Esta informação foi colhida da fonte insuspeita de Arthur Percival Newton, professor da Universidade de Londres, no seu livro **The European Nations in the West Indies**.

Vê-se assim que os feitos portugueses foram muito maiores que os de quaisquer de seus rivais e sobretudo mais educativos e civilizadores.

Observa-se ainda que onde os seus competidores se diferenciaram dos portugueses, eles não só erraram como espalharam sementes de ódio, cujos frutos colheriam no futuro. Mas isto não nos importa agora; o importante é que os portugueses ainda hoje podem receber de um eminente diplomata inglês, G. B. Sansom, esta **comenda de mérito** quando afirmou em seu livro **The Western World and Japan** que

“the Portuguese being the first in the field, the problem which they encountered, and the way in which they solved them, did in a very large measure fix the pattern of subsequent European commercial enterprise and colonial expansion in Asia”.

Não apenas na Ásia; no mundo todo foram os portugueses os mestres da cristianização e da civilização com os seus mari-

nheiros, com os seus poetas, com os seus missionários e soldados e com os seus estadistas de grande e larga visão.

Como nem todos êstes feitos são divulgados e conhecidos como deviam ser, finalisamos com estas palavras de Diogo do Couto, celebrando também os feitos de um Fidalgo em suas **Décadas**:

“Bem merecia êste Fidalgo por isso que fêz por seu Rei, que enxergáramos nós neles as mercês que êstes feitos estam pedindo; mas pois as não teve, não lhe faltamos nós com o deixarmos nesta nossa escritura dado a conhecer aos que o não alcançaram”.

EDMUNDO M. GENÓFRE